

**DEPUTADO SALGOT CASTILLO**

Publicado no D.O. de 21 de outubro de 1964.  
Páginas 60 - 1a. coluna.

**ASSUNTO:** reunião com os Srs. técnicos da Secretaria da Agricultura.

A SRA. PRESIDENTE — Para V. Sas. este é um trabalho científico e de solução a longo prazo. Para nós, é um trabalho imediato. Mas devemos levar ao Sr. Presidente da República as críticas, para a solução do problema a longo prazo. Este é o nosso objetivo

O Sr. Salgot Castillon — Esta Comissão, Sr. Secretário e Srs. diretores técnicos da Secretaria da Agricultura, foi constituída, visando-se uma apuração da situação real da agro-pecuária paulista. E, dentro da realidade da Agricultura e da pecuária do Estado de São Paulo, há um fator que todos os membros desta Comissão — e acredito que também V. Sas. — julgam de suma importância, qual seja o da refertilização dos solos paulistas. Dentro do plano integrado, do Governador Adhemar de Barros, um capítulo nos impressionou bastante — o da construção de uma fábrica, de uma usina de fertilizantes pelo Estado. O ex-secretário da Agricultura, Dr. Oscar Thompson Filho, empolgado pela idéia, tudo fez para que a ela se concretizasse, abrindo mesmo — pelo que eu li no "Diário Oficial" — concorrência pública, visando à construção da Fábrica Estadual de Fertilizantes. A sua substituição deu a impressão, a nós, deputados, e ao povo, que fez a idéia gorar. Essa impressão não é gratuita. Vem da leitura das polémicas acirradas que o ex-secretário Oscar Thompson manteve, nas colunas dos jornais, com o que foi o seu substituto, por sinal Presidente do Sindicato dos Fertilizantes. Gostaria de saber de V. Exa. e da Secretaria da Agricultura o que houve e o que há realmente, com relação à Fábrica de Fertilizantes.

O Sr. Secretário da Agricultura — Esse é um assunto, para nós, muito atual. Do ponto de vista do desenvolvimento da produtividade agrícola, como agrônomo, achamos que o ponto crucial é a imediata produção dos fertilizantes, em larga escala, de maneira a propiciar a mais rápida elevação dos índices de produtividade na agricultura. Neste sentido, a Secretaria está cuidando da Fábrica a que V. Exa. fez alusão. O Sr. Oscar Thompson Filho levantou o problema da Fábrica de Fertilizantes. O Sr. Fernando Cardoso continuou discutindo o assunto mas o via sob um aspecto mais técnico. S. Exa. sugeriu ao Sr. Governador do Estado modificação na elaboração do esquema do projeto da Fábrica de Fertilizantes. Quando assumi a Secretaria da Agricultura, encontrei o assunto neste pé. Parecemos que a maneira pela qual estava sendo levada a concorrência pública não era a melhor, no sentido técnico do projeto. Sugerimos, juntamente com o Sr. Secretário do Planejamento, que a concorrência pública fosse anulada, para um reestudo do assunto e elaboração de novo edital de concorrência. Neste sentido, foi formado um grupo de trabalho, para estudar o assunto, coordenado pelo Diretor da Divisão de Economia Rural, Sr. Constantino Fraga, com os elementos da Escola Superior "Luiz de Queirós" e três professores especializados. O Sr. José de Barros Ferraz fazia parte da Comissão que elaborou o projeto do Dr. Oscar Thompson Filho. Passo a palavra ao Sr. Constantino Fraga, que está bem dentro do assunto.

O SR. CONSTANTINO FRAGA — O Sr. Secretário da Agricultura já expôs a parte inicial dos trabalhos. Nessa segunda fase, isto é, uma vez anulada a concorrência, por motivos técnicos, e nomeado novo grupo de trabalho para o reestudo do assunto, sob o ponto de vista técnico, esse grupo de trabalho já fez diversas reuniões e está — não sei se posso dizê-lo — na parte final das especificações técnicas, para novo edital de concorrência. Acredito que ontem houve a última reunião, em Campinas, à qual não compareci, por vários motivos, para dar um demão técnico no edital. Analisada a parte jurídica da concorrência, atendidas as exigências normais, colocaremos em concorrência a construção da fábrica.

O SR. SECRETÁRIO DA AGRICULTURA — Aliás, o projeto do nobre deputado

Salgot Castillon, apresentado à Assembléia, está mais ou menos enquadrado dentro do que o Sr. Governador pretende, em relação à Fábrica de Fertilizantes.

O SR. SALGOT CASTILLO — Na apresentação do projeto, baseei-me no relatório da primeira comissão.

O Sr. Chopin Tavares de Lima — Esse grupo de trabalho não mudou o esquema? A usina de produtos fertilizantes será estatal?

O SR. CONSTANTINO FRAGA — A orientação foi a seguinte. De preferência, se possível, deverá ser de particulares. Se não for possível, lança-se uma sociedade de economia mista.

O Sr. Salgot Castillon — Quanto V. Sa. acha que vai custar a Fábrica de Fertilizantes?

O SR. SECRETÁRIO DA AGRICULTURA — É melhor detalhar como deve ser a fábrica. Para "N" o preço é um. Para "NPK" o preço é outro.

O SR. CONSTANTINO FRAGA — Esta nova Comissão chegou à conclusão de que a fábrica deve ser de nitrogenados: amônia, ácido nítrico e uréia.

O Sr. Salgot Castillon — E potássio?

O SR. CONSTANTINO FRAGA — Terá que ser importado, porque não produzimos potássio.

O SR. SECRETÁRIO — Poderiam usar água do mar.

O SR. CONSTANTINO FRAGA — Não possuímos potássio. Estão fazendo prospeções no nordeste.

O Sr. Salgot Castillon — E os países que não possuem potássio, como conseguem?

O SR. CONSTANTINO FRAGA — Importando.

O SR. SECRETÁRIO DA AGRICULTURA — Srs. deputados, está aqui presente o Sr. Humberto Reis Costa, Secretário do Planejamento.

— O SR. SECRETÁRIO DO PLANEJAMENTO TOMA ASSENTO A MESA.

O SR. CONSTANTINO FRAGA — Está sendo estudado o aproveitamento econômico da água do mar com bastante teor de sal. Este processo, economicamente ainda está em estudos, em laboratório. Por ora, não temos potássio; só importando, mesmo.

O Sr. Salgot Castillon — Para a produção de nitrogênio, será aproveitando o ar?

O SR. CONSTANTINO FRAGA — Sim, pela compressão do ar, unido com hidrogênio, para fixar o nitrogênio. O problema não é o nitrogênio; o problema é o hidrogênio.

O SRA. PRESIDENTE — Isso ainda temos! (Risos.)

O SR. CONSTANTINO FRAGA — Vamos utilizar os sub-produtos das refinarias de petróleo, que ainda é mais barato. Poderíamos utilizar o carvão de madeira ou o mineral, inclusive a eletricidade pura. Se tivéssemos grande abundância de eletricidade não teríamos problemas, como acontece com a Noruega. Seria a eletricidade mesmo. Do ar tirariamos o nitrogênio, e da eletricidade o hidrogênio. Não haveria problema. A idéia é que a fábrica será de nitrogenados. A dimensão internacional será de capacidade média, de 100 mil toneladas de nitrogênio, equivalente a 120 mil toneladas de amônia. A Isso está fazendo uma fábrica de 105 mil toneladas, de tamanho médio, para nitrogenados, com previsão para duplicar a capacidade, desde que o mercado o exija.

O Sr. perguntou o preço. Este preço, só podemos informar depois de aberta a concorrência. Agora, estimativamente, com a produção de uréia que aumenta muito o preço, uma fábrica desta natureza deve ficar em torno de 50 milhões de dólares.

O SR. SALGOT CASTILLO — 50 milhões de dólares?

O SR. CONSTANTINO FRAGA — Este o preço atual. Amanhã pode ser de 60 a 70 milhões. No exterior, as condições são estas. Aqui, podem variar um pouco.

O Sr. Salgot Castillon — No meu projeto, estudei a instituição de uma sociedade de economia mista com 70 milhões, porque acho muito difícil encontrar capitais particulares para um empreendimento tão vultoso.

**O SR. CONSTANTINO FRAGA** — Sim. As previsões do governo são para as três hipóteses: sociedade mista, estatal ou particular. É muito difícil que haja interesse particular para uma companhia deste vulto. Primeiro, por deficiência de capitais e, segundo, porque a fábrica provavelmente ficará dependendo de matéria prima fornecida pelas refinarias de petróleo, ficaria dependendo das organizações estatais que iriam fornecer a matéria prima. As companhias particulares não se abalamam a isto, é um investimento perigoso.

A companhia mista criada interessa porque teria a participação do Estado e da empresa privada, também. Provavelmente, deverá ser mista, pois é o melhor caminho a seguir e o Estado lançaria já uma empresa mista para desencadear a reação e atrair uma ou mais companhias internacionais para este campo. É a idéia que nos pareceu mais acertada, a idéia básica.

**O Sr. Chopin Tavares de Lima** — A companhia de economia mista manteria esta usina produzindo essa quantidade de fertilizante que o senhor se refere, mas isto não significa muito. Pergunto: esta quantidade é suficiente, momentaneamente? Será uma só ou varias?

**O SR. CONSTANTINO FRAGA** — Momentaneamente, a região geo-econômica de São Paulo absorve atualmente 55 mil toneladas de nitrogênio. Não só São Paulo, e toda a região geo-econômica de São Paulo que deve absorver 80% da produção, porque distribui para uma região maior que as fronteiras paulistas. Só São Paulo deve absorver 45%. Admitindo que a produção venha aumentando na mesma escala, há programação para 60 mil toneladas. O consumo seria de 85 mil toneladas, mas não é só para São Paulo. São Paulo é maior que is-

**A SRA. PRESIDENTE** — Isso é oficial?  
**O SR. CONSTANTINO FRAGA** — Não posso dizer nada, oficialmente.

**A SRA. PRESIDENTE** — Queremos críticas concretas. Sabemos que o transporte marítimo, por exemplo, é uma barbaridade. Sabemos que em vários setores, realmente, fica mais em conta a mercadoria importada do que a daqui. Temos de levar tudo isso ao Sr. Presidente da República para que faça uma revisão no assunto.

**O SR. CONSTANTINO FRAGA** — Posso dizer, de acordo com os dados que temos, que, na primeira Comissão, chegou-se à conclusão de que o produto de Recife ficava mais caro.

**A SRA. PRESIDENTE** — Veja o exemplo do sal. Na fonte é baratíssimo. Mas chega aqui muito caro. Estamos até pensando em importar o produto.

**O SR. CONSTANTINO FRAGA** — Choveu muito sobre o sal.

**A SRA. PRESIDENTE** — Temos sempre uma desculpa para nossos fracassos.

**O Sr. Salgot Castillon** — Desejava uma explicação sobre um dado que foi muito explorado na polêmica entre os dois ex-secretários da Agricultura. Trata-se do custo do adubo. Na ocasião, pelo que o Sr. Oscar Thompson Filho disse, ficaria produzido por firma estatal, pela firma que estava propondo, em Cr\$ 20.000,00 por tonelada. E o adubo vendido pela fábrica de fertilizantes particular, que existe em São Paulo, estaria sendo vendido a Cr\$ 70.000,00 por tonelada. O que V. Sa. pode dizer a respeito dessa diferença impressionante de preços?

**O SR. CONSTANTINO FRAGA** — O que posso afirmar a V. Exa. é que os cálculos dos preços do adubo, naquele relatório não estavam certos, porque houve alteração no preço do dólar. Aliás devo fazer uma ressalva, porque foi feita uma estimativa por zona e o cálculo não estava muito bom. Como disse, quando foi feito o relatório, o dólar estava a Cr\$ 620,00, e quando o Dr. Fernando Cardoso fez o seu estudo o dólar havia subido muito. Essa é a razão da diferença. Posso dar a informação de que, numa reunião em Campinas, um dos representantes da SANBRA — Moinho Santista — nos mostrou uma oferta de uma solução de nitrogênio que sairia a 45 dólares por tonelada, muito menos do que dizia o relatório e muito mais do que dizia o Dr. Cardoso.

**O Sr. Salgot Castillon** — Em quanto ficaria, em sua opinião, o nosso adubo?

**O SR. SECRETÁRIO DA AGRICULTURA** — A afirmação é difícil.

**O SR. CONSTANTINO FRAGA** — O que posso dizer é que se for usado óleo pesado de Refinaria a coisa será diferente. A matéria-prima que temos é o óleo pesado e não temos colocação para ele. E o óleo pesado, depois do carvão, é a matéria-prima mais cara. Não iríamos usar matéria-prima mais barata. Vamos usar "prata" da casa.

**O Sr. Salgot Castillon** — Em quanto tempo ficaria construída a Fábrica de Fertilizantes? E quanto custaria o adubo?

**O SR. SECRETÁRIO DA AGRICULTURA** — Ficaria em 150 mil cruzeiros a tonelada.

**O Sr. Salgot Castillon** — e está faltando?

**O SR. SECRETÁRIO DA AGRICULTURA** — Em primeiro lugar, sou agricultor. Tenho um laranjal na minha fazenda. Vendi a fruta a 6 milhões, no ano passado. Ago-

ra comprei o adubo, que me custou 5 milhões. Mas tenho de adubar.

to. A necessidade teórica seria de 300 mil toneladas por ano, portanto, três vezes mais do que é produzido. Quanto ao preço, para sabermos se compensa, a relação do preço do produto agrícola e do adubo tem que ser levada em conta. Nesta relação de preços não podemos esperar atingir as 300 mil toneladas dentro deste breve prazo. É preciso um espaço muito maior. A fábrica daria de pronto mais 100 mil toneladas, com capacidade de expansão para 200 mil toneladas. Teoricamente, não estaria sendo coberto o déficit, mas estaríamos abrindo um grande caminho. É preciso ter em conta que se instalássemos uma fábrica de 200 mil toneladas, correríamos o risco de ficar com 120 mil toneladas sem colocação.

**O Sr. Realindo Correia** — Se retirarmos da terra 300 mil toneladas, como ficaríamos?

**O SR. CONSTANTINO FRAGA** — Esta é uma programação teórica. São poucos os países que devolvem à terra tudo o que dela retiram. Só poucos países o fazem. Os Estados Unidos, há 10 anos atrás, não devolviam nem a metade do nitrogênio retirado. Dentro desta escala a fábrica é de dimensões bem grandes. É preciso também ter em conta que São Paulo está com um projeto de aumento da produção de fertilizantes. Existem projetos na Bahia, no Rio Grande do Sul, e de ampliação de Cubatão, com o conseqüente aumento de produção.

**O Sr. Salgot Castillon** — Aumento? No Brasil não temos usinas de fertilizantes?

**O SR. CONSTANTINO FRAGA** — Temos sim. Temos Cubatão, e temos de fosfato.

**O Sr. Salgot Castillon** — De fosfato. De nitrogênio não?

**O SR. CONSTANTINO FRAGA** — Temos a de Cubatão, que é de nitrogênio, mas é pequena, para 20 mil toneladas. Precisamos cinco vezes mais que isto.

**A SRA. PRESIDENTE** — O Brasil não poderia ser exportador, pelo menos para a América Latina?

**O SR. CONSTANTINO FRAGA** — Talvez a Venezuela possa importar do Brasil, dentro da ALALC, porque não temos muita possibilidade. O nosso carvão é um mau carvão para este efeito. O nosso petróleo, em grande parte, é importado. O próprio minério do fósforo, que tenha muito teor desse produto, não é fácil de encontrar aqui. Fica mais caro mandar vir o minério do Recife do que da Califórnia.